

ENTRE USOS, TÉCNICAS E MEMÓRIAS: A CONSTRUÇÃO DO CASTELINHO DE ERECHIM/RS E O PATRIMÔNIO EM MADEIRA

Ariane Pedrotti de Ávila Dias

Prefeitura de Erechim, RS | pedrotti.ariane@gmail.com

Marvin Davi Rojeski

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | marvinrojeski@outlook.com

EIXO TEMÁTICO: 4 - Usos Técnicas e Espaços

Resumo: O presente artigo busca apresentar parte dos resultados obtidos a partir do levantamento cadastral da antiga sede da Comissão de Terras de Erechim, popularmente conhecida como Castelinho, localizada no município de Erechim, região Norte do Rio Grande do Sul. Construído em madeira no início do século XX, o edifício foi projetado para abrigar um dos cinco escritórios regionais da Comissão de Terras, responsável pela demarcação e distribuição de lotes urbanos e rurais no contexto da imigração europeia. Atualmente, constitui o único exemplar remanescente dessa estrutura institucional, configurando-se como marco da colonização regional e ícone da arquitetura em madeira, tipologia que sintetiza tanto dimensões materiais, quanto dimensões imateriais do patrimônio cultural, ao articular memórias, práticas sociais e representações coletivas. O objetivo do trabalho é analisar as técnicas construtivas empregadas na edificação, compreendendo sua relevância histórica, arquitetônica e simbólica, bem como seu papel na preservação de saberes vinculados ao trabalho em madeira, hoje em risco de desaparecimento. Metodologicamente, a pesquisa baseou-se em investigação documental e bibliográfica sobre a história da Comissão de Terras e da colonização de Erechim, associada ao levantamento cadastral e construtivo realizado durante o processo de restauro do edifício entre os anos de 2020 a 2022. Os resultados demonstraram que o Castelinho foi construído a partir de uma combinação de técnicas oriundas das tradições alemã, polonesa e italiana, que dispensavam o uso de pregos metálicos e privilegiavam encaixes de madeira e soluções refinadas de carpintaria. Verificou-se, ainda, que o edifício se diferencia das demais construções de sua época pelo elevado grau de sofisticação técnica e estética, evidenciando a intenção de monumentalizar um espaço institucional. Ao recuperar e descrever essas técnicas, o estudo contribui para a valorização da arquitetura vernácula em madeira, reafirmando sua importância enquanto registro cultural e recurso sustentável.

Palavras-chave: Arquitetura vernacular; arquitetura em madeira; patrimônio cultural; Imigração; Castelinho.

BETWEEN USES, TECHNIQUES, AND MEMORIES: THE CONSTRUCTION OF THE CASTELINHO OF ERECHIM/RS AND WOODEN HERITAGE

Abstract: This article presents part of the results obtained from the cadastral survey of the former headquarters of the Erechim Land Commission, known as Castelinho, located in southern Brazil. Built in wood in the early 20th century, the building housed one of the regional offices responsible for the demarcation and distribution of urban and rural plots within the context of European immigration. Currently, it is the only remaining example of this institutional structure, standing as a landmark of regional colonization and an icon of wooden architecture, combining material and immaterial dimensions of cultural heritage. The study aims to analyze the construction techniques employed in the building, addressing their historical, architectural, and symbolic relevance, as well as their role in preserving traditional knowledge related to wood craftsmanship. Methodologically, the research is based on documentary and bibliographic analysis, combined with cadastral and constructive surveys carried out during the restoration process (2020–2022). The results show that the building incorporates German, Polish, and Italian techniques, privileging wooden joints over metallic nails. Its high level of technical and aesthetic sophistication distinguishes it from contemporary constructions and reflects the intention to monumentalize an institutional space. The study contributes to the appreciation of vernacular wooden architecture, reinforcing its value as cultural heritage and a sustainable resource.

Keywords: Vernacular architecture; wooden architecture; cultural heritage; Immigration; Castelinho.

ENTRE USOS, TÉCNICAS Y MEMORIAS: LA CONSTRUCCIÓN DEL CASTELINHO DE ERECHIM/RS Y EL PATRIMONIO EN MADERA

Resumen: Este artículo presenta parte de los resultados obtenidos a partir del levantamiento catastral de la antigua sede de la Comisión de Tierras de Erechim, conocida como Castelinho, ubicada en el sur de Brasil. Construido en madera a inicios del siglo XX, el edificio albergaba una oficina regional responsable de la demarcación y distribución de lotes en el contexto de la inmigración europea. Actualmente, constituye el único ejemplar remanente de esta estructura institucional, configurándose como un hito de la colonización regional y un ícono de la arquitectura en madera, al articular dimensiones materiales e inmateriales del patrimonio cultural. El objetivo es analizar las técnicas constructivas empleadas, considerando su relevancia histórica, arquitectónica y simbólica, así como su papel en la preservación de saberes vinculados al trabajo en madera. Metodológicamente, la investigación se basa en el análisis documental y bibliográfico, junto con el levantamiento realizado durante el proceso de restauración (2020–2022). Los resultados evidencian el uso combinado de técnicas alemanas, polacas e italianas, con predominio de ensamblajes de madera en lugar de clavos metálicos. Su alto grado de sofisticación técnica y estética lo distingue de otras construcciones de la época y refleja la intención de monumentalizar un espacio institucional. El estudio contribuye a la valorización de la arquitectura vernácula en madera como patrimonio cultural y recurso sostenible.

Palabras clave: Arquitectura vernácula; arquitectura en madera; patrimonio cultural; Inmigración; Castelinho.

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o contexto de construção do Castelinho, destacando sua relevância arquitetônica e cultural para o Estado do Rio Grande do Sul, no âmbito do processo de imigração europeia ocorrido no final do século XIX. A análise enfatiza, sobretudo, os aspectos técnico-construtivos que o configuram como um remanescente singular da arquitetura em madeira na Região Sul do Brasil, evidenciando sua especificidade no conjunto das produções edilícias do período. Para além de sua dimensão formal, o edifício materializa, por meio de suas técnicas e de seus materiais construtivos, a historicidade de um lugar e de saberes vinculados às experiências dos grupos imigrantes. Tais saberes, inscritos nas práticas construtivas, foram progressivamente substituídos por novas técnicas e materiais ao longo do tempo, aproximando-se de um processo de rarefação diante das transformações nos modos de produzir o espaço construído.

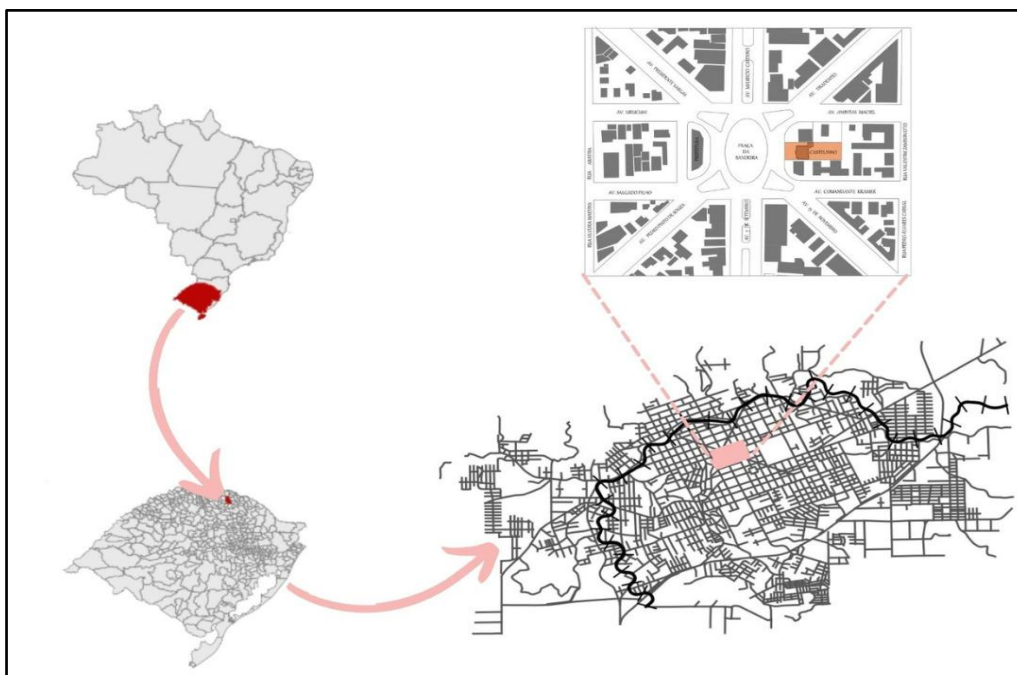
O texto está estruturado em três partes principais. Inicialmente, apresenta-se o contexto histórico e urbano do município de Erechim, RS, situando o objeto de estudo no processo de formação territorial e na rede urbana regional. Em seguida, discute-se a madeira enquanto técnica construtiva e sua relevância cultural no âmbito da arquitetura da imigração. Na terceira parte, analisa-se o Castelinho a partir de seus aspectos formais, construtivos e ornamentais. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2.CONTEXTO HISTÓRICO E URBANO DE ERECHIM, RS

A cidade média de Erechim (Figura 1) localiza-se na região norte do estado do Rio Grande do Sul, a aproximadamente 387 km de Porto Alegre. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município possui uma população de 105.705 habitantes e uma densidade demográfica de 246,30 hab/km². Conforme Rojeski *et al.* (2025), Erechim ocupa posição estratégica na rede urbana regional, atuando como um importante polo de serviços públicos, educação e saúde.

A formação histórica de Erechim está diretamente relacionada ao processo de ocupação do território no final do século XIX, impulsionado pela imigração europeia e pela implantação da linha férrea. Assim como em outros centros urbanos do norte gaúcho, a ferrovia desempenhou papel fundamental na integração regional, viabilizando o escoamento da produção e a articulação com mercados distantes, além de favorecer a expansão do capital industrial e financeiro (Giaretta, 2008). Esse processo, entretanto, esteve associado à expropriação e exclusão dos povos originários, especialmente os Guarani e Kaingang, intensificada a partir da promulgação da Lei nº 601, de 1850, conhecida como Lei de Terras, que regulamentou a apropriação dos chamados territórios devolutos e abriu caminho para a colonização por imigrantes italianos, alemães, poloneses, israelitas, entre outros (Giaretta, 2008).

Figura 1:



Mapa de localização de Erechim, RS, com ampliação da área central e indicação do Castelhinho em destaque.
Fonte: elaborado pelos autores a partir de IBGE (2021) e plano diretor municipal, 2026.

No que se refere à configuração urbana, Erechim destaca-se por seu traçado planejado, elaborado em 1914 pelo engenheiro agrimensor Carlos Torres Gonçalves. O desenho urbano baseia-se em uma malha ortogonal, cortada por avenidas diagonais, organizadas a partir de rótulas que conformam pequenas praças centrais. Essa estrutura evidencia a primazia do sistema viário na organização da cidade, privilegiando o fluxo e o tráfego em detrimento da escala do pedestre. A Praça da Bandeira, situada no encontro das avenidas Maurício Cardoso e Sete de Setembro, foi concebida como núcleo político, administrativo e religioso, em consonância com princípios urbanísticos vigentes à época (Bianchini *et al.*, 2008).

Atualmente, segundo o Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional do Corede Norte/RS (2017), Erechim concentra aproximadamente 45% da população de sua região imediata, reforçando sua centralidade regional. Sua economia apresenta forte vínculo com o agronegócio, além de contar com um expressivo setor metalmeccânico, considerado um dos principais diferenciais produtivos do município e a segunda base econômica local (Spinelli; Lima; Rojas, 2025). Os 32 municípios que compõem o chamado Alto Uruguai Gaúcho foram, em grande medida, constituídos no contexto da instalação da Comissão de Terras do Estado no município de Erechim.

É nesse contexto de formação histórica, consolidação urbana e definição de centralidades que se insere a Antiga Comissão de Terras, popularmente conhecida como Castelhinho. Localizado na área central de Erechim (Figura 2), em frente à Praça da Bandeira — espaço instituído como marco zero do município a partir do plano urbano de 1914 —, o edifício ocupa uma posição estratégica na estrutura urbana da cidade. Sua

implantação dialoga diretamente com o traçado planejado por Carlos Torres Gonçalves, uma vez que a Praça da Bandeira configura o principal nó viário do município, ponto de convergência das principais avenidas que articulam o centro aos bairros e às saídas em direção à BR-153.

Figura 2:



Localização do Castelhino.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Google Earth (2025), 2026.

A localização do Castelhino, portanto, não se dá de forma aleatória, mas integra o projeto de deslocamento da centralidade urbana, anteriormente vinculada à estação ferroviária, para o eixo da atual Avenida Maurício Cardoso, principal corredor comercial e simbólico da cidade. Nesse sentido, o edifício constitui-se como elemento significativo da paisagem urbana, expressando tanto os princípios de organização espacial do período quanto os processos históricos, administrativos e simbólicos que marcaram a constituição de Erechim enquanto cidade média regional.

Conhecida popularmente como Castelhino, a antiga sede da Comissão de Terras do Estado do Rio Grande do Sul possui grande importância cultural para a cidade, integrando de forma marcante a paisagem central do município e sendo representada em diversos elementos simbólicos associados a Erechim, como a bandeira municipal e cartões-postais. A obra foi contratada por Guilherme Franzmann e executada pelo construtor Germano Müsing, entre os anos de 1912 e 1915, sendo inaugurada em 20 de abril de 1915.

Inicialmente, foram construídos três pavimentos totalmente em madeira, sobre pilotis e contenções em blocos de pedra de basalto. O pavimento térreo abrigava a Comissão de

Terras, enquanto os pavimentos superiores eram destinados à moradia do engenheiro-chefe responsável pelo órgão. Ao longo do tempo, o edifício passou por diversas mudanças de uso, acompanhando os diferentes contextos históricos e institucionais, tendo abrigado, entre outros, escola e ambulatório médico. Ainda assim, os pavimentos superiores mantiveram função residencial por um período prolongado, até o tombamento do edifício pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE-RS), em 1982, e sua posterior doação ao município, em 1998, passando a sediar departamentos públicos.

Com as transformações administrativas e a reestruturação das funções públicas, o edifício sofreu sucessivas adaptações espaciais e funcionais. Tais intervenções, no entanto, não descaracterizaram completamente sua volumetria e seus elementos arquitetônicos originais, permitindo a manutenção de sua leitura simbólica na paisagem urbana central. Atualmente, o Castelinho constitui uma edificação de caráter misto, composta por madeira e alvenaria de pedra e tijolo maciço, totalizando cinco pavimentos – dos quais dois são subsolos semienterrados, não visíveis a partir da rua –, com área construída de 911,52 m², inserida em um terreno de 2.002,70 m², que abriga significativa diversidade de árvores nativas preservadas.

Sua principal função no contexto imigratório foi abrigar o escritório da Comissão de Terras do Estado do Rio Grande do Sul, responsável pela subdivisão das terras rurais e urbanas, pela elaboração dos projetos de urbanização e pela organização das colônias rurais, bem como pela alocação das famílias recém-chegadas. O Castelinho constituía, portanto, a principal porta de entrada dos migrantes na região, sendo o local onde eram cadastrados e encaminhados às suas propriedades.

3.A MADEIRA COMO TÉCNICA CONSTRUTIVA E SUA RELEVÂNCIA CULTURAL

Ao abordar a arquitetura vernacular no contexto da imigração europeia do final do século XIX, especialmente na Região Sul do Brasil, é fundamental considerar que a ocupação do território não se deu em centros urbanos consolidados, mas em áreas classificadas como devolutas, desprovidas de infraestrutura para o assentamento das famílias imigrantes. Nesse cenário, a criação de Comissões de Terras descentralizadas da capital desempenhou papel fundamental na organização territorial. A necessidade de abertura de vias, demarcação de lotes e implantação de núcleos coloniais implicou um intenso processo de desmatamento, gerando, por consequência, a disponibilidade de matéria-prima em abundância. Tal condição favoreceu o uso da madeira como principal material construtivo, ao mesmo tempo em que impulsionou o surgimento de atividades ligadas ao beneficiamento madeireiro, consolidando-se como uma das principais bases produtivas locais.

As moradias nas áreas de colonização foram construídas predominantemente em madeira, material amplamente disponível. Ainda assim, algumas edificações incorporaram o uso da pedra, especialmente em elementos como fundações,

embasamentos, cantinas e contenções de terra, evidenciando a permanência de técnicas construtivas associadas às tradições italianas.

Conforme aponta Weimer (2005), os imigrantes italianos foram, em geral, assentados em áreas mais afastadas, caracterizadas por solos férteis, porém com topografia acidentada e presença de afloramentos de basalto. Nessas condições, a pedra passou a ser amplamente empregada nas construções, tanto pela sua disponibilidade quanto pela familiaridade técnica desses grupos com a cantaria, frequentemente atingindo elevado grau de precisão no assentamento das peças, com uso reduzido ou mesmo ausência de argamassa. Contudo, a abundância de recursos florestais — especialmente da araucária, cujas características favoreciam seu aproveitamento construtivo — contribuiu para que, progressivamente, a madeira se consolidasse como principal matéria-prima das edificações, sendo a pedra destinada, sobretudo, às estruturas de base (Weimer, 2005). Todavia, cabe destacar que, no caso das construções da região norte do Rio Grande do Sul, especialmente em Erechim, observa-se uma significativa contribuição de diferentes grupos imigrantes, como alemães, poloneses, russos e austríacos. Essa diversidade de origens resultou em uma arquitetura em madeira marcada pela hibridização de técnicas construtivas, combinando referências de distintos contextos culturais em uma mesma edificação, como exemplificado pelo Castelinho, conforme será discutido adiante.

Em complemento às contribuições italianas, Weimer (2005) destaca a influência dos grupos de origem germânica, ressaltando que essas populações estavam inseridas em uma tradição cultural fortemente vinculada ao ambiente florestal, o que justificava a predominância do uso da madeira como principal material construtivo. Além disso, as condições climáticas — marcadas por invernos rigorosos — influenciavam diretamente a organização dos espaços internos, estruturados em torno do fogo, elemento central tanto para o preparo de alimentos quanto para o aquecimento. Do ponto de vista técnico, essas tradições desdobraram-se em dois sistemas construtivos principais: um baseado em estruturas leves com vedação em pau-a-pique, posteriormente associado ao desenvolvimento do enxaimel; e outro caracterizado pela sobreposição horizontal de troncos encaixados nos cunhais, técnica de provável origem eslava, conhecida como *blockbau*. A partir dessas matrizes, desenvolveram-se sistemas mais elaborados, como o enxaimel, cujos vãos estruturais eram preenchidos com diferentes materiais, evidenciando a diversidade e a adaptabilidade dessas técnicas no contexto da imigração (Weimer, 2005).

No caso dos imigrantes poloneses, é importante considerar que, à época, a Polônia não se constituía como um Estado-nação independente, o que fazia com que esses indivíduos ingressassem no Brasil portando documentos de impérios como o alemão, o austro-húngaro e o russo. Tal condição dificulta a delimitação precisa de suas contribuições específicas no campo da arquitetura vernacular. Ainda assim, estudos como os de Vicroski (2011) têm contribuído significativamente para a compreensão da

arqueologia do ambiente rural construído por esses grupos no Sul do Brasil, tomando como referência a região de maior concentração de imigrantes poloneses no país, especialmente o município de Áurea, localizado no Alto Uruguai gaúcho e vinculado ao processo de colonização promovido pela Comissão de Terras de Erechim.

Segundo Vicroski (2011), a madeira desempenhava papel central no universo construtivo desses imigrantes, sendo amplamente utilizada não apenas nas edificações residenciais — incluindo estrutura, vedação, cobertura e elementos estruturais —, mas também em diversas outras construções e artefatos associados à vida cotidiana, como instalações para criação de animais, mobiliário, pontes, cercas, carroças e utensílios domésticos. Tal centralidade da madeira remonta a tradições construtivas da Europa Central, onde seu uso é registrado desde a Pré-História, como no sítio arqueológico de Biskupin, na atual Polônia, caracterizado por edificações e sistemas defensivos em madeira.

Apesar da diversidade de soluções estilísticas e construtivas, Vicroski (2011) ressalta que uma das principais contribuições dos imigrantes poloneses no contexto sul-brasileiro foi a adaptação e difusão das técnicas construtivas em madeira. Nesse sentido, destacam-se tanto os sistemas baseados no encaixe horizontal de troncos, associados às regiões montanhosas do sul da Polônia, quanto o uso de tábuas dispostas verticalmente com fechamento em mata-junta, técnica oriunda da região de Lublin (Vicroski, 2011). Tais soluções, uma vez apropriadas e difundidas, exerceram influência significativa sobre o modo de construir em madeira no Sul do Brasil, contribuindo para a conformação da paisagem construída regional.

A partir dessas considerações, evidencia-se que os padrões construtivos associados à arquitetura da imigração polonesa não se restringem à simples reprodução de formas tradicionais, mas expressam a permanência e a adaptação de saberes construtivos no contexto de sua inserção no território brasileiro. Elementos como a organização espacial, os telhados inclinados e os lambrequins, ao serem reinterpretados frente às condições ambientais e à disponibilidade de materiais, contribuíram para a conformação de uma linguagem arquitetônica própria que constitui até hoje como o elemento mais característico da tradição arquitetônica polonesa (Vicroski, 2011).

Nesse sentido, tais características não foram incorporadas de maneira isolada, mas articuladas a outras matrizes técnicas oriundas de diferentes grupos imigrantes, resultando em um processo de hibridização construtiva. Esse processo revelou-se fundamental para a constituição de uma arquitetura em madeira singular, que extrapola sua dimensão material ao incorporar valores culturais, identitários e simbólicos.

Dessa forma, a arquitetura da imigração na região norte e nordeste do Rio Grande do Sul pode ser compreendida como produto de uma integração étnica mediada pelas técnicas construtivas, cuja materialização no espaço edificado contribuiu decisivamente para a configuração do território. Tal herança, hoje reconhecida como

patrimônio cultural, evidencia não apenas modos de construir, mas também formas de apropriação do espaço e de reprodução social inscritas na paisagem regional.

3.0 CASTELINHO

O Castelinho constitui uma edificação de caráter eclético, que reúne referências formais associadas às arquiteturas da imigração europeia — especialmente italiana, alemã e polonesa —, evidenciadas nos telhados de forte inclinação com oitões frontais, na presença de sótão e nos elementos ornamentais, como lambrequins e agulhas. Contudo, trata-se de uma construção significativamente mais elaborada em comparação às residências em madeira do mesmo período, o que se justifica por sua função institucional, vinculada à atuação do poder público, conferindo-lhe maior grau de sofisticação técnica e compositiva.

Do ponto de vista construtivo, destaca-se que, embora o Castelinho se insira no contexto inicial de ocupação da cidade, sua arquitetura apresenta soluções mais complexas e refinadas em relação às edificações dos primeiros ciclos migratórios, nas quais predominava o uso de madeira bruta e pouco aparelhada. Ainda assim, permanecem evidentes certos aspectos dessas tradições construtivas, como o superdimensionamento dos barrotes estruturais, a lógica de montagem das peças, o emprego de pinos de madeira em substituição a pregos metálicos — configurando sistemas de encaixe como as ensambladuras — e a utilização de blocos de basalto aparelhado nas contenções, pilares e paredes de subsolo.

O sistema estrutural organiza-se a partir de grandes barrotes dispostos no sentido norte-sul (paralelos à fachada principal), responsáveis tanto pela sustentação do piso do primeiro subsolo quanto pelo vigamento dos demais pavimentos. Sobre estes, dispõem-se os barrotes secundários no sentido frente-fundos, enquanto o piso em tábuas é assentado novamente no sentido norte-sul. As paredes internas são posicionadas sobre o próprio tabuado, que se mantém contínuo sob as divisórias.

As paredes são executadas a partir de um sistema de “gaiola” semelhante ao enxaimel, porém com vedação em painéis formados por tábuas encaixadas. Tal sistema, embora garanta estabilidade, não se configura como autoportante. Conforme observa Weimer (2005), diferentemente do enxaimel — em que “a estabilidade da construção é garantida por uma estrutura portante de madeira [...] pela triangulação de peças estruturais” —, nas construções em tábuas “a estrutura é apoiada sobre fundação de pedra [...] sendo a estabilidade assegurada pela fixação das tábuas nas peças estruturais”. O autor ainda destaca que a execução dessas paredes exigia a montagem de um esqueleto inicial, seguido de triangulações provisórias até que o conjunto adquirisse rigidez suficiente (Weimer, 2005).

No caso do Castelinho, diferentemente do enxaimel tradicional, essa estrutura não permanece aparente, sendo completamente envolvida pelas tábuas de vedação interna e externa, formando um sistema em “sanduíche” (Figura 3).

Figura 3:



Estrutura interna da edificação.

Fonte: Imagem à esquerda é de Weimer (2005) e imagem à direita é de arquivo próprio dos autores.

Apesar das alterações sofridas ao longo do tempo — incluindo a introdução de pregos metálicos —, ainda é possível identificar os entalhes originais nas peças de madeira, evidenciando a lógica construtiva baseada em encaixes estruturais. Observa-se, por exemplo, o apoio dos barrote de piso sobre vigas-mestras posicionadas sobre as contenções em pedra.

10

Uma particularidade relevante do sistema construtivo do Castelinho diz respeito à articulação entre os pavimentos: diferentemente das tipologias usuais em madeira, em que as paredes se sobrepõem continuamente, neste caso as paredes de cada pavimento não se alinham verticalmente (Ver figura 4). A vedação externa de um pavimento coincide com a vedação interna do pavimento superior, criando um desnível resolvido por meio de acabamento entalhado nas tábuas.

As ensambladuras, amplamente utilizadas na construção, permanecem visíveis sobretudo nos elementos de fachada — como balaústres, guarda-corpos, colunas, arcos das varandas, lambrequins e agulhas —, embora também estejam presentes internamente (Ver figura 5). A vedação é realizada por meio de tábuas com encaixe macho-fêmea, reforçando a lógica construtiva baseada em precisão e ajuste das peças.

Figura 4 e Figura 5:



À esquerda – Figura 4: detalhe da vedação externa e a desconexão da parede entre os pavimentos.

Fonte: arquivo próprio dos autores, 2014.

À direita – Figura 5: detalhe das ensambladuras das varandas.

Fonte: desenhos elaborados pelos autores, 2022. Foto de acervo próprio dos autores, 2025.

No que se refere à ornamentação, observa-se elevado grau de detalhamento, tanto interna quanto externamente. Nas fachadas, destacam-se os lambrequins e agulhas na cobertura, os frontões sobre as aberturas, os guarda-corpos rendilhados e as colunas entalhadas com capitéis de inspiração jônica, além das esquadrias, especialmente a porta principal, concebida como elemento de destaque compositivo (Figura6).

Conforme destaca Bertussi (1987), “a ornamentação na arquitetura da imigração teve sua maior expressão no uso da madeira serrada à mão para a feitura de lambrequins”, os quais evoluíram de formas mais simples para composições progressivamente mais elaboradas, “conferindo leveza e graça às construções” e evidenciando “o domínio de uma tecnologia e a marca singular de uma cultura”. No Castelinho, essa ornamentação manifesta-se tanto em padrões mais simples quanto em soluções mais complexas, reafirmando seu caráter representativo enquanto edifício público.

Cabe destacar, contudo, que tais elementos, apesar de sua qualidade técnica e estética, apresentam elevada vulnerabilidade às condições climáticas, em função de sua escala, peso e limitada proteção estrutural.

Figura 6:



Vista frontal do Castelhinho.

Fonte: arquivo próprio dos autores, 2016.

Internamente, a ornamentação é mais expressiva no pavimento térreo, destinado às atividades institucionais da Comissão de Terras. Nesse nível, os ambientes apresentam variações de pé-direito e forros elaborados, evidenciando uma clara hierarquização espacial. O hall principal destaca-se pelo forro mais alto e ornamentado, com molduras sobrepostas e uma abóbada curva central. Já as salas frontais laterais apresentam forros com rodaforros rendilhados, frisos intermediários e paginações em ângulo de 45°, além de elementos centrais rebaixados com acabamento igualmente elaborado.

Quanto às esquadrias, observa-se o predomínio de grandes vãos, especialmente nos pavimentos mais nobres, com portas de folha dupla e amplas aberturas. Os pisos são majoritariamente compostos por tábuas estreitas de madeira, de coloração alaranjada.

Originalmente, o edifício foi construído com três pavimentos em madeira, apoiados sobre pilotis e contenções em pedra de basalto, adaptando-se ao declive do terreno (Figura 7). O pavimento térreo, elevado em relação à rua, é acessado por uma escadaria frontal que reforça o caráter monumental da edificação. Nesse momento inicial, a fachada apresentava composição simétrica.

Figura 7:



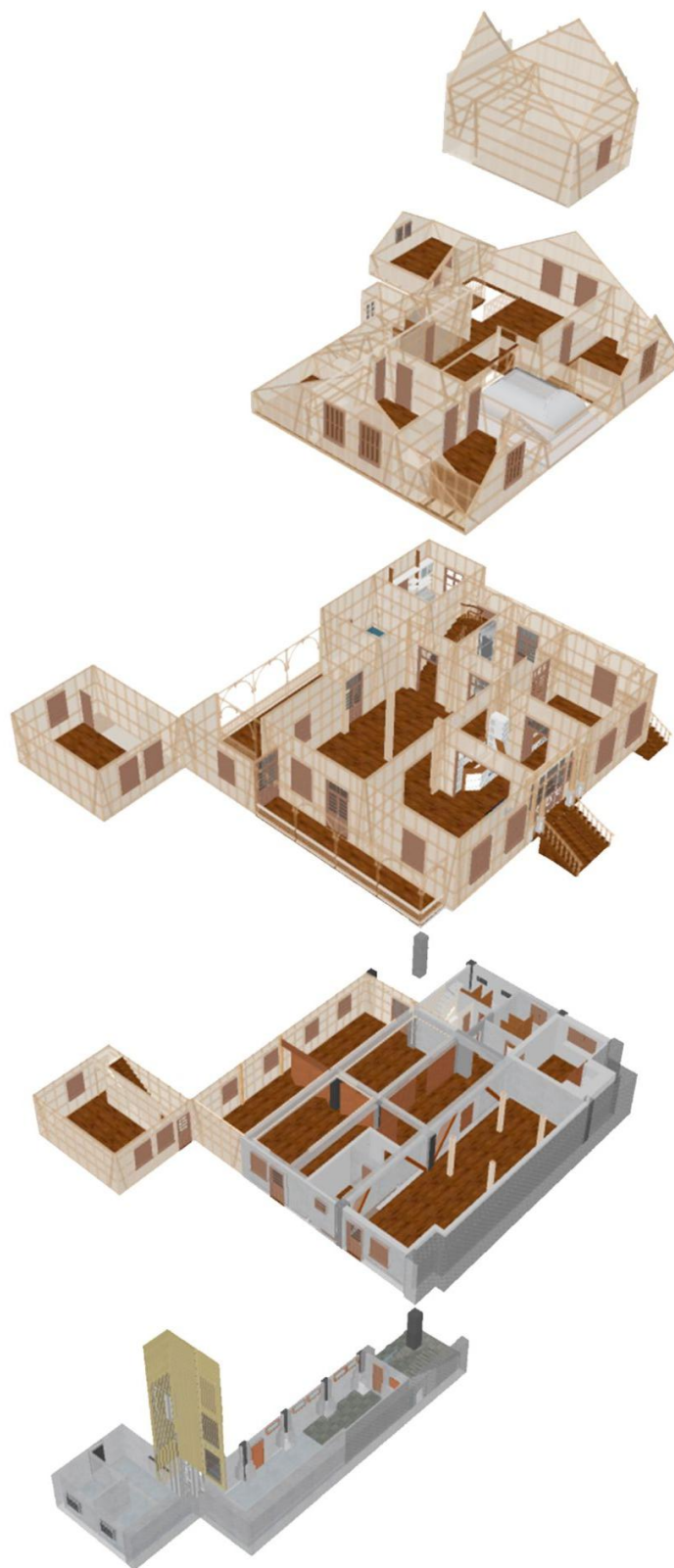
Foto histórica do Castelinho, 1916.

Fonte: acervo do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

Posteriormente, foram acrescentados dois pavimentos de subsolo e um anexo, introduzindo sistemas construtivos mistos, com uso de alvenaria em tijolos maciços nas contenções (Ver perspectiva explodida – Figura 8). Ainda assim, a estrutura original manteve-se preservada em grande medida, permitindo a leitura de suas características construtivas.

Por fim, destaca-se a complexidade da cobertura, composta por múltiplas águas e acentuada inclinação, em contraste com as tipologias mais simples predominantes na região. Essa solução, associada ao repertório formal da edificação, contribui para a construção de sua imagem singular, justificando a denominação popular de “Castelinho”.

Figura 8:



Perspectiva explodida dos pavimentos do Castelhinho.
Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos aspectos históricos e culturais que fundamentaram a construção do Castelinho permite situá-lo no âmbito da arquitetura vernacular brasileira, evidenciando a relevância do processo migratório do final do século XIX na conformação e no aprimoramento de técnicas construtivas que culminaram na edificação desse importante exemplar arquitetônico. Nesse sentido, o Castelinho não pode ser compreendido apenas como um objeto isolado, mas como expressão material de um contexto mais amplo de produção do espaço, marcado pela interação entre diferentes matrizes culturais e técnicas. Concebido para atender à demanda de interiorização das atividades da Comissão de Terras do Estado, o edifício foi construído a partir dos materiais disponíveis na região, sobretudo a madeira, articulados às técnicas construtivas trazidas e reelaboradas pelos imigrantes que se estabeleceram no território. Essa articulação entre disponibilidade material e saberes técnicos resultou em uma síntese construtiva singular, na qual se entrelaçam influências de distintas tradições europeias.

Dessa forma, o Castelinho configura-se como a materialização de um processo de hibridização cultural que marcou a ocupação do norte do Rio Grande do Sul, contribuindo não apenas para a conformação da paisagem urbana e arquitetônica, mas também para a constituição de identidades e práticas sociais no âmbito local. Ao preservar em sua materialidade esses saberes e modos de fazer, o edifício reafirma seu valor enquanto patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que evidencia a importância da salvaguarda de técnicas construtivas tradicionais, atualmente ameaçadas pelas transformações contemporâneas nos modos de produzir o espaço.

15

8. REFERÊNCIAS

BERTUSSI, Paulo Iroquez; WEIMER, Gunter(org.). **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BIANCHINI, Greisi Mara *et al.* Erechim: A trajetória de Formação Urbana do Município. *In: 1º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente*. 2008.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. **O grande e velho Erechim: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo. 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/erechim. Acesso em: 15 jan. 2026.

ROJESKI, Marvin Davi *et al.* Cidades médias, centralidades e gestão territorial nas Regiões Funcionais 07 e 09 do Rio Grande do Sul, Brasil. **Projectare**, v. 16, 2025. DOI: <https://doi.org/10.15210/pjr-rau.v6i1.29582>

SPINELLI, Juçara; LIMA, Érico Jonatan Oliveira de; ROJESKI, Marvin Davi. Caracterização da Região Funcional de Planejamento 9: a centralidade de Passo Fundo e de Erechim. In: SILVEIRA, Rogério Leandro de Lima (Org.). **Cidades médias, gestão territorial e desenvolvimento regional**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2025. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/cidades-medias-gestao-territorial-e-desenvolvimento-regional/>. Acessado em: 04.01.2026.

SPONCHIADO, Paulo José (org.). **Plano estratégico de desenvolvimento regional Corede Norte - RS 2015-2030**. Porto Alegre: EdiFAPES, 2017. p. 300.

VICROSKI, Fabrício J. Nazzari. **ARQUEOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO: O Ambiente Rural do Imigrante Polaco no Sul do Brasil**. Comunicação apresentada na III Vitrine Literária Polônica, Porto Alegre, 2011. Acessado em: 17 fev. 2026. Disponível em: https://www.academia.edu/12658682/ARQUEOLOGIA_DO_AMBIENTE_CONSTRU%C3%84DO_O_Ambiente_Rural_do_Imigrante_Polaco_no_Sul_do_Brasil.

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Raízes).